



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA
PROJECTO DE PESQUISA

PERCURSO DE VIDA E DINÂMICAS NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA PROFISSIONAL E SOCIAL DOS CATADORES DE LIXO: CASO LIXEIRA DE HULENE- MAPUTO

Autora: Dulce Zeferino Linha

Supervisora: Dra. Sónia Seuane

Maputo, Novembro de 2025

**PERCURSO DE VIDA E DINÂMICAS NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA PROFISSIONAL
E SOCIAL DOS CATADORES DE LIXO: CASO LIXEIRA DE HULENE- MAPUTO**

Trabalho de Culminação de Estudos apresentado na modalidade de projecto de pesquisa ao Departamento de Arqueologia e Antropologia, Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia.

Supervisor

Presidente

Oponente

Declaração

Eu, Dulce Zeferino Linha, estudante do curso de licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras e Ciências Sociais declaro por minha honra que o presente trabalho de fim de curso nunca foi apresentado na sua essência para a obtenção de qualquer grau académico. O trabalho constitui o resultado da minha pesquisa individual feita com base nas fontes mencionadas na bibliografia e no método descrito no texto.

Dulce Zeferino Linha

Dedicatória

Aos meus pais pelo amor incondicional, e belos conselhos que apresentaram na minha jornada académica.

Agradecimentos

Expressos os meus sinceros votos de agradecimentos em primeiríssimo lugar a Deus pela sua protecção e por me conceder a saúde para concluir o curso.

Os meus agradecimentos especiais vão para a Dra. Sónia Seuanepelo seu estimável auxílio no apoio técnico e moral com vista a concluir o presente trabalho.

Aos meus preciosos familiares pelo seu amor incondicional, pelos conselhos e pelo apoio durante o meu percurso académico, em especial aos meus pais Zeferino Linha e Maria António (in Memoria). A congregação das Confhic em especial a irmã Isaura (in memoria) aos meus colegas e a todos que de forma directa ou indirectamente.

Ao meu esposo Emílio Cuco e meu filho Yarin.,Pelo amor e carinho dispensado, bem como pela paciência que teve durante a formação, a ele (meu esposo), cordialmente, o meu profundo obrigado.

Finalmente, quero agradecer especificamente a toda família Linha por sempre terem dado atenção e coragem para o sucesso deste trabalho, perguntando reiteradamente: “Como vão as aulas? Como vai o trabalho?” Obrigado. E obrigado àqueles que sempre me desejaram a concluir o curso com êxito e, em especial, Enfim, só posso dizê-los o meu “obrigado.

Resumo

O Presente trabalho surge no contexto de culminacao do curso de Licenciatura em Antropologia pela Universidade Eduardo Mondlane – U.E.M. Tem como tema: *Percurso de Vida e Dinâmicas na Construção Identitária Profissional e Social dos Catadores de Lixo: Caso Lixeira de Hulene-Maputo*. O estudo baseou-se no objectivo geral :*Compreender* percurso de vida e dinâmicas na construção identitária, profissional e social dos catadores de lixo. Para a efectivacao deste objectivo foram elaborados dois (2) objectivos especificos que são: 1. *Identificar* os factores que contribuem para a marginalização dos catadores de lixo da Lixeira de Hulene e 2. *Analisar* a trajectória de vida na construção identitária dos catadores de lixo da Lixeira de Hulene. A partir de uma visão antropológica, percebemos que ser catar o lixo não é apenas uma actividade económica: trata-se também de um processo de criação de identidade, de convivência com outros trabalhadores e de luta contra o preconceito. Comprendemos ainda que a lixeira é um lugar onde se criam amizades, redes de apoio e laços de solidariedade. As regras, as formas de organização e as hierarquias que surgem dentro do grupo mostram que, mesmo num ambiente de grande vulnerabilidade, existe cooperação e uma vida social intensa. A identidade profissional e social dos catadores da lixeira de Hulene é construída a partir de vários factores: suas trajectórias pessoais, o trabalho que realizam no dia a dia, a convivência comunitária e o preconceito que enfrentam. dentro da lixeira, eles criam formas de viver, trabalhar, ajudar uns aos outros e dar significado às suas experiências. A antropologia, ao estudar esses processos, mostra que mesmo em ambientes considerados “marginais” existem relações sociais importantes, saberes, estratégias de sobrevivência e formas de construção de identidade. Assim, o estudo sobre os catadores de Hulene revela não só as dificuldades enfrentadas, mas também a capacidade de resistência, organização e criação de sentido dentro de um contexto marcado por profundas desigualdades. A pergunta de pesquisa deste trabalho foi satisfeita visto que a construção identitária profissional e social dos catadores do Lixo de Hulene encontra-se baseada simultaneamente na marginalização e resistência. Como dificuldades para a realização desta pesquisa destaca-se o factor tempo, visto que logo do início da pesquisa notou-se uma situação não favorável por questões familiares e laborais, mas ao fim conseguiu-se avançar com a presente pesquisa. Vendo a situação social actual, recomenda-se a extensão do estudo de temas relacionados a este, pois é uma necessidade urgente e emergente.

Palavras-chave: Lixo - Catador - identidade .

Abstract

This work arises in the context of the culmination of the Bachelor's degree in Anthropology from Eduardo Mondlane University – U.E.M. The theme is: Life Trajectory and Dynamics in the Professional and Social Identity Construction of Waste Pickers: Case Study of the Hulene Landfill - Maputo. The study was based on the general objective: To understand the life trajectory and dynamics in the professional and social identity construction of waste pickers. To achieve this objective, two (2) specific objectives were developed: 1. To identify the factors that contribute to the marginalization of waste pickers from the Hulene Landfill and 2. To analyze the life trajectory in the identity construction of waste pickers from the Hulene Landfill. From an anthropological perspective, we understand that picking through trash is not just an economic activity: it is also a process of identity creation, of coexistence with other workers, and of fighting against prejudice. We also understand that the garbage dump is a place where friendships, support networks, and bonds of solidarity are created. The rules, forms of organization, and hierarchies that emerge within the group show that, even in an environment of great vulnerability, cooperation and an intense social life exist. The professional and social identity of the waste pickers at the Hulene landfill is constructed from several factors: their personal trajectories, the work they do daily, community life, and the prejudice they face. Within the landfill, they create ways of living, working, helping each other, and giving meaning to their experiences. Anthropology, in studying these processes, shows that even in environments considered "marginal," there are important social relations, knowledge, survival strategies, and ways of constructing identity. Thus, the study of the Hulene waste pickers reveals not only the difficulties they face, but also their capacity for resistance, organization, and meaning-making within a context marked by profound inequalities. The research question of this work was satisfied since the professional and social identity construction of the Hulene waste pickers is based simultaneously on marginalization and resistance. A notable difficulty in conducting this research was the time factor, as an unfavorable situation due to family and work issues was noted from the outset, but in the end, progress was made. Considering the current social situation, further study of related topics is recommended, as it is an urgent and emerging need.

Key words: Trash - Scavenger - Identity

ÍNDICE

Declaração	i
Dedicatória	ii
Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract	v
CAPÍTULO I –INTRODUÇÃO	1
1. Contextualização	2
1.2. Problema	4
1.3. Objectivos	7
<i>1.3.1. Geral:</i>	7
<i>1.3.2. Específicos:</i>	7
1.4. Justificativa	7
CAPÍTULO II - REVISÃO DE LITERATURA	8
2.1. Legislação e Políticas Públicas em Moçambique Sobre os Catadores de Lixo	8
2.2. A Estratégia Nacional para a Inclusão Social e Desenvolvimento Sustentável (ENISDS)	8
2.3. Lixo	9
2.4. Catadores de Lixo	10
2.5. Exclusão Social e Estrutura Urbana	11
2.6. Identidade e Representações Sociais	12
2.7. Percepção de Risco e Vulnerabilidade	12
2.8. Políticas Públicas e Direitos	14
2.9. A Sociabilidade dos Catadores de Lixo	15

2.10. Enquadramento Teórico.....	17
2.11. Risco Ocupacional e Vulnerabilidade: Giddens e Foucault.....	17
2.12. Invisibilidade e Estigma: Goffman e Foucault.....	18
2.13. Identidade e Resistência: Goffman e Giddens.....	19
CAPÍTULO III -METODOLOGIA.....	21
3.1. Contexto da Pesquisa.....	21
3.2. Entrevistas Semi-Estruturada.....	22
3.3. Estudo de caso.....	22
3.4. Registo Fotográfico.....	23
3.5. A Pesquisa de Campo.....	23
3.6. As técnicas usadas na pesquisa de campo.....	24
3.7. Observação participante.....	25
CAPITULO IV - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	27
4.1. Caracterização e perfil dos cantadores.....	27
4.2. Trajectória dos cantadores.....	28
4.3. Valores e Significados que os Catadores Atribuem ao Lixo.....	29
4.4. Percepções sobre a exclusão dos catadores de Hulene.....	32
4.5. Percepção sobre risco e doença para os catadores de Hulene.....	33
4.6. Percepções dos Catadores sobre a Não Formalização do seu trabalho pelo Município de Maputo.....	34
CAPÍTULO V - CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39
Anexos.....	42

CAPÍTULO I –INTRODUÇÃO

O trabalho presente visa compreender o percurso e dinâmicas na construção da identidade profissional e social dos catadores de lixo da lixeira de Hulene. Lixo é “aquilo que se varre da casa, do jardim e se joga fora. Tudo o que não presta e ‘sem finalidade’, sujeira imundice, coisa ou coisas inúteis, velhas sem valor, os restos da actividade humana consideradas pelo gerador como inaproveitados ou descartados” (Bellni; Mucelin 2009, p.5). As pessoas que vivem do lixo que conseguem recolher nas lixeiras, e nos espaços públicos da cidade são denominadas “apanhadores de lixo”, “lixeiros” ou “catadores”. No presente estudo, optou-se pela designação “catadores”.

O lixo é um problema que segundo a literatura internacional afecta maioritariamente os “países em desenvolvimento” que possuem uma deficiente forma de gestão de resíduos sólidos. Esses países podem ser compreendidas como, aqueles que ainda não alcançaram os níveis económicos tecnológicos e sociais, mas que estão em processo de crescimento e melhorias nessas ares em destaque Moçambique, Angola, Malawi entre outros.

Apesar de existirem várias estratégias de gestão de resíduos sólidos, não se encontra uma saída satisfatória. Para o caso de Moçambique, a exposição dos resíduos sólidos constitui-se como uma das grandes questões ambientais que preocupa a sociedade, devido ao défice de investimentos no sector de gestão dos resíduos sólidos e a falta de uma consciência ambiental tem sido uma das causas que incrementa o descarte incorrecto do lixo.

De acordo com Chefo (2003, p.11) “a lixeira de Hulene reproduz a pobreza na medida em que os indivíduos que nela recolhem lixo estão conformados com a sua situação e nem questionam o sistema social que os exclui e nem se organizam para o fazer. A lixeira é tomada como sendo um espaço de conformismo.

Neste contexto Langa (2014), destaca que o problema do lixo tem sido preocupação de todos actores do Governo e da Sociedade Civil devido ao impacto ambiental. Dentro dessa luta pela superação de problemas ambientais decorrentes do lixo, existem catadores de lixo que contribuem para a minimização da situação, porém, é notório que o município deveria

reconhecer essa classe trabalhadora, mas não o faz, considera os catadores como sendo uma classe de marginais.

Serra (2003, p. 40) afirma que “os catadores são uma família sociológica duplamente excluída; seja dos benefícios de ordem social vigente em Moçambique ou do direito à normalidade que os “outros” os empreiteiros da moral em seu lugar definiram. Eles vivem com e no meio daquilo que os outros abandonaram ou deitaram fora, quase todos os estigmatizam”.

Na literatura moderna como de Badal, (2025), Mondlane (2024), Manhiça, (2024) e Made, F. et al. (2020). são vistos, como objecto de estudo que está virada a riscos de saúde que correm ao exercer esta actividade que é aos olhos de muitos como sendo uma actividade de risco ou seja, o lixo, ao mesmo tempo que ameaça, também sustenta. A identidade profissional dos catadores é construída nesse paradoxo: são vistos como os marginalizados pela sociedade, mas reconhecem-se entre si como trabalhadores indispensáveis ao funcionamento da cidade. Assim sendo, neste estudo pretendemos compreender a sua forma de pensar a sua actividade.

Neste contexto, este estudo busca compreender as dinâmicas sociais, culturais e políticas que moldam a realidade dos catadores, analisando como factores a identidade, representações sociais e políticas públicas que impactam suas vidas. Na reflexão sobre o problema do lixo Veloso (1997) e Ferreira (2001), abordam de grosso modo a problemática ambiental, os riscos de saúde que os catadores correm mas pouco abordam questões profissionais destes.

Embora a dimensão da saúde e ambiental sejam importantes, neste trabalho iremos reflectir sobre o processo da construção de identidade profissional e social dos catadores de lixo uma vez que esta actividade é denunciada pela maioria da literatura como sendo uma actividade excludente. Portanto, mais do que acusar o que os outros pensam da actividade, pretendemos exprimir os seus sentimentos, pertença ou não à uma determinada classe trabalhadora.

1. Contextualização

O lixo é um problema que segundo a literatura internacional afecta maioritariamente os “países em desenvolvimento” que possuem uma deficiente forma de gestão de resíduos sólidos. Apesar

de existirem várias estratégias de gestão de resíduos sólidos, não se encontra uma saída satisfatória.

Dentro dessa luta pela superação de problemas ambientais decorrentes do lixo, existem catadores de lixo que contribuem para a minimização da situação. Na literatura moderna são vistos, embora em pequena escala como objecto de estudo que merece atenção.

A atenção que lhes é dada está virada a riscos de saúde que correm ao exercer esta actividade que é aos olhos de muitos como sendo uma actividade de perigo. Mais do que nos limitarmos a vitimizar os catadores de material reciclável, neste estudo pretendemos compreender a sua forma de pensar a sua actividade diante de muitos olhos preconceituosos.

A actividade dos recolhedores de lixo na Lixeira de Hulene, em Maputo, representa mais do que uma simples prática de subsistência. Ela revela uma complexa rede de exclusão social, desigualdade estrutural e invisibilidade ocupacional. Esses trabalhadores, embora essenciais para a gestão de resíduos sólidos e economia circular, enfrentam diariamente riscos físicos, estigmas sociais e a falta de reconhecimento formal.

É nesse contexto que surge o presente estudo que busca compreender as dinâmicas sociais, culturais e políticas que moldam a realidade dos catadores, analisando como factores como identidade, representações sociais e políticas públicas impactam suas vidas.

Na reflexão sobre o problema do lixo Velosso (1997) e Ferreira (2001), abordam de grosso modo a problemática ambiental, os riscos de saúde que os catadores correm e pouco se refere a situação profissional.

Embora a dimensão da saúde e ambiental sejam importantes, neste contexto iremos reflectir sobre o processo da construção de identidade profissional e social dos catadores de lixo uma vez que esta actividade é denunciada pela maioria da literatura como sendo uma actividade excludente. Portanto, mais do que acusar o que os outros pensam da actividade, pretendemos exprimir os seus sentimentos, pertença ou não à uma determinada classe trabalhadora.

De modo geral, a pesquisa investigar como a invisibilidade social e ocupacional afecta os colectores designados neste estudo por catatores, bem como analisar suas percepções sobre risco, identidade e reconhecimento social no contexto urbano de Maputo.

1.2. Problema

O censo de 2017, realizado pelo Instituto Nacional de Estatística, indicou que 66% da população moçambicana era composta por pessoas com menos de 25 anos de idade. Segundo dados do Fundo das Nações Unidas para População (UNFPA), cerca de 80% da população tem menos de 35 anos, evidenciando que Moçambique é uma nação jovem, com uma grande parte da população em fase de transição para a vida adulta. O crescimento demográfico, pode ser considerado uma oportunidade significativa desde que o Estado invista de forma eficaz em áreas essenciais como saúde, educação, habitação e emprego (CDD,2025).

A rápida urbanização tem criado assentamentos humanos desorganizados, particularmente quando um período de tempo curto recebe muitas pessoas. Esta situação ocorre geralmente na procura das melhores condições de vida nas grades cidades como capitais provinciais. Segundo Araújo (1997) esta rápida urbanização tem provocado problemas de natureza variada e diferenciada, desde a falta de habitação adequada ao aparecimento de bairros desordenados até a deficiência no saneamento e na preservação do ambiente

Na mesma senda, cresce o desemprego, combinado com o subemprego, o que constitui um dos maiores obstáculos em Moçambique para os jovens, no qual, o mercado de trabalho formal é altamente competitivo e saturado. A falta da qualificação técnica e profissional adequada impede a muitos de se inserir em sectores estratégicos da economia.

Para além disso, a escassez de políticas públicas na criação de ambientes empresariais inclusivos agrava ainda mais a situação, o emprego informal embora represente uma saída para muitos, não oferece garantias de estabilidade financeira, o que dificulta ainda mais a construção de uma vida digna e sustentável. A marginalização e a exclusão social continuam a ser um desafio central para muitos, a falta de acesso a direitos fundamentais, perpetua um ciclo de desigualdade que exclui seguimentos. A estigmatização e a discriminação enfrentada por certos grupos sociais

dificultam a sua integração social, com isso contribuindo para uma sensação de desesperança e isolamento social (CDD, 2025).

Reflectir sobre os catadores de lixo não é tarefa fácil visto que existem vários posicionamentos sobre estes actores sociais. Existe posicionamento dos defensores de direitos dos trabalhadores, existem defensores de questões ligadas com a saúde e também há reflexão de ambientalistas, mas na sua maioria desaguam na ideia segundo a qual, os catadores são vítimas de desigualdades sociais.

Na visão de Silva e Liporone (2011, p. 15), as desigualdades são vistas a partir do ponto de observação de cada um e não no que os próprios catadores sentem.

Os catadores de lixo representam um grupo social marginalizado pelas dinâmicas urbanas e económicas. Harvey (2008) destaca que a produção do espaço urbano tende a reforçar desigualdades sociais, relegando grupos como os catadores a espaços periféricos e insalubres. Lefebvre (1968) complementa essa visão ao afirmar que o direito à cidade é sistematicamente negado a esses trabalhadores, perpetuando sua exclusão. Além do aspecto espacial, há também uma forte construção simbólica de marginalização.

Segundo Douglas (1976, p. 73), o lixo não é apenas um resíduo material, mas um símbolo cultural de desordem e impureza, e aqueles que lidam directamente com ele carregam esse estigma. Um dos posicionamentos é defendido por Miura e Sawaia (2013), num estudo realizado no Brasil. Estes constataram que os catadores de lixo são indivíduos discriminados, apesar do Conselho Municipal reconhecer essa categoria como profissão que ajudam a conter a proliferação de lixo.

Ainda no mesmo prisma de análise, Serra (2003, p. 40) afirma que “os lixeiros são uma família sociológica duplamente excluída; seja dos benefícios de ordem social vigente em Moçambique ou do direito à normalidade que os “outros” os empreiteiros da moral em seu lugar definiram. Eles vivem com e no meio daquilo que os outros abandonaram ou deitaram fora, quase todos os estigmatizam”.

A construção da identidade dos catadores é atravessada por percepções negativas da sociedade. Dubar (2000) argumenta que a identidade é um processo em constante negociação entre a auto-imagem e o olhar do outro.

Neste sentido, os catadores lutam para resignificar seu trabalho diante de uma sociedade que os associa ao desprezo e à sujidade. De forma semelhante, Goffman (1963) discute o estigma como uma marca que afecta as interacções sociais, reduzindo as possibilidades de inclusão. Esse estigma impacta directamente na autoestima dos catadores e na forma como eles se identificam no tecido social.

Os catadores enfrentam múltiplas formas de risco físico, psicológico e social. Para Giddens (1991), a modernidade reflexiva intensificou esses riscos, tornando a insegurança uma característica marcante das sociedades contemporâneas. Douglas(1976) destaca que a percepção do risco é influenciada por factores culturais, e os catadores internalizam esses riscos como parte de seu quotidiano.

Ferreira (2001) argumenta que ao mexer com o lixo à procura de materiais que possam ser comercializados ou até servir de alimentos, os catadores estão expostos a todos os tipos de riscos de contaminação presentes nos resíduos sólidos, além de riscos à sua integridade física por acidentes causados pelo manuseio dos mesmos.

A falta de alternativa de trabalho, visto que o mercado de trabalho está saturado e muito competitivo, isso é acompanhado com a falta de políticas publicas para fazer face esse conjuntos de problemas que essa classe enfrenta, contribui na insistência em fazer esse trabalho. Para Dubar (2000), a identidade é um processo em constante negociação entre a auto-imagem e o olhar do outro. Nesse sentido, os catadores lutam para resignificar seu trabalho diante de uma sociedade que os associa ao desprezo e à sujidade.

Diante desta problemática procuramos compreender de que forma é que *os catadores de lixo constroem a sua identidade profissional e qual é a sua atitude para com a sociedade?*

1.3. Objectivos

1.3.1. Geral:

- *Compreender* percurso de vida e dinâmicas na construção identitária, profissional e social dos catadores de lixo.

1.3.2. Específicos:

- *Identificar* os factores que contribuem para a marginalização dos catadores de lixo da Lixeira de Hulene;
- *Analisar* a trajectória de vida na construção identitária dos catadores de lixo da Lixeira de Hulene;

1.4. Justificativa

A escolha deste tema foi motivada pela crescente índice de marginalização dos trabalhadores de lixo e da necessidade de compreender como os catadores do lixo constroem e afirmam a sua identidade profissional e social dentro de um contexto de rejeição e marginalização, partindo duma experiência do meu vizinho que construiu a sua casa através do lixo que ele carregava todos os dias, e ai nasceu a curiosidade de ver de perto como é possível sobreviver do lixo no meio de tanta discriminação.

A lixeira de Hulene foi escolhida para este estudo, devido a sua localização sócio urbana e por ser um local onde facilmente se encontram os catadores.

Importa, também, referir que o tema é relevante socialmente pois pode ajudar na reflexão referentes a dignidade humana, podendo auxiliar na melhoria operacional e nas estratégias que visam minimizar a marginalização de determinados trabalhos.

De igual forma, o estudo deste tema poderá torna-se relevante para as instituições que lidam com o meio ambiente, uma vez que possibilita o conhecimento dos reais problemas ambientais na Cidade de Maputo.

CAPÍTULO II - REVISÃO DE LITERATURA

Neste Capítulo, iremos discutir sobre a literatura consultada sobre a unidade temática em estudo, onde o objectivo reside em compreender os estágios de conhecimento existente da literatura sobre o fenómeno.

2.1. Legislação e Políticas Públicas em Moçambique Sobre os Catadores de Lixo

Em Moçambique, a **Lei nº 21/2014**, sobre a Gestão de Resíduos Sólidos, estabelece directrizes para a gestão e tratamento de resíduos, com o objectivo de minimizar os impactos ambientais e promover a reciclagem. A lei enfatiza a necessidade de promover a inclusão de trabalhadores informais, como os catadores, nas políticas de gestão de resíduos, proporcionando-lhes condições de trabalho mais seguras e reconhecendo o seu papel essencial na economia circular.

Embora a lei não trate directamente da condição dos catadores de lixo, ela estabelece um quadro normativo que poderia ser aproveitado para garantir uma maior formalização do trabalho desses profissionais, incluindo a implementação de programas de educação e capacitação, além de políticas públicas voltadas para a melhoria das condições de saúde e segurança.

A **Lei nº 23/2007**, que rege as relações de trabalho em Moçambique, inclui disposições sobre as condições de trabalho para os trabalhadores informais, uma categoria à qual os catadores de lixo se inserem. Esta lei estabelece princípios gerais de segurança no trabalho, protecção social e direitos laborais, embora a sua aplicação no sector informal ainda seja limitada.

Para garantir que os catadores tenham acesso a direitos trabalhistas, seria necessário um fortalecimento das políticas públicas voltadas para a formalização do trabalho informal, incluindo um Registo e uma regulamentação das actividades dos catadores.

2.2. A Estratégia Nacional para a Inclusão Social e Desenvolvimento Sustentável (ENISDS)

A estratégia propõe, entre outras ações, o fortalecimento de iniciativas de integração dos catadores no mercado formal de trabalho, oferecendo-lhes programas de capacitação e acesso a microcréditos para o desenvolvimento de empreendimentos sustentáveis.

Esta política também busca promover a inclusão ambiental dos catadores, garantindo que suas actividades de reciclagem estejam em conformidade com as normas ambientais do país, ao mesmo tempo que lhes proporciona condições de vida digna e a construção de um senso de pertencimento à sociedade.

Em uma legislação mais recente, o *Projecto de Lei de Inclusão e Proteção Social para Trabalhadores Vulneráveis* foi criado com o objectivo de garantir benefícios sociais para trabalhadores informais, incluindo os catadores. Este projecto inclui propostas de acesso à segurança social, assistência médica e aposentadoria para os trabalhadores informais. Embora ainda em processo de aprovação, este projeto representa um avanço significativo na luta pela equidade para os catadores e outros trabalhadores do sector informal.

Uma proposta de Regulamentação Específica para os catadores de lixo, que ainda está em fase de discussão, prevê o estabelecimento de uma licença de operação para catadores de lixo, regulamentando suas actividades e garantindo-lhes acesso a serviços de saúde, educação e segurança. A regulamentação também inclui a criação de espaços adequados de trabalho, sem riscos ambientais e com infra-estrutura básica, como áreas de descarte seguro de resíduos recicláveis.

Esta regulamentação, se aprovada, pode transformar a forma como os catadores são vistos pela sociedade e garantir que seus direitos sejam reconhecidos oficialmente. Ela também visa promover uma colaboração entre o sector público e privado, incluindo as empresas de gestão de resíduos, para melhorar as condições de trabalho desses profissionais e sua integração na cadeia produtiva da reciclagem.

2.3. Lixo

De acordo com Gonçalves (2003), frequentemente o lixo é associado à tudo aquilo que não presta, ao que precisa ser afastado de nós. Mas considerando que o lixo é constituído por uma parcela de 40% de materiais recicláveis, podemos considerar que o lixo não é apenas tudo aquilo que não presta.

Actualmente, o lixo significa aquilo que não pode ser reaproveitado ou reciclado, desta forma torna-se problemático designar tudo que é descartado de lixo. Portanto, estamos cientes do problema que a palavra lixo constitui mas poderemos nesta pesquisa sem assumir que os indivíduos que trabalham na colecta de resíduos sólidos são trabalhadores de lixo, usaremos esse

termo por ser um termo usado diariamente. O lixo é composto por materiais recicláveis, mas não é menos certa a designação de lixo, uma vez que foi desprezado exactamente por não possuir mais utilidade para alguém. Perdeu valor de uso para quem o descarta e, na maioria das vezes, não tem valor de troca (Gonçalves 2003).

2.4. Catadores de Lixo

Segundo Livia (2013) as pessoas que vivem do lixo que conseguem recolher nas lixeiras, nos contentores, nas ruas e nos espaços públicos da cidade são denominadas “apanhadores de lixo”, “lixeiros” ou “catadores”. No presente estudo, optou-se pela designação “catadores”, palavra derivada do verbo “catar”, que significa pesquisar minuciosamente, buscar, escolher, seleccionar, guardar, examinar. Esta palavra é utilizada também no contexto brasileiro.

Na visão de Bosi (2008), os catadores construíram trajectórias ocupacionais marcadas pela precariedade das ocupações, pois, parte deles nasceu e cresceu no campo, seu aprendizado para o trabalho consistiu nos afazeres da agricultura, suinocultura e pecuária; e, ao migrarem para as cidades, acabam desempenhando ocupações que não exigem qualificação profissional. Cavalcante e Franco (2007) ressaltam que a exploração da força de trabalho dos catadores possui raízes históricas nas consequências do êxodo rural.

Esse mesmo panorama foi encontrado em outros estudos realizados no Brasil (Medeiros e Macedo, 2006; Bosi, 2008; Severo, 2008). “Em grande parte, são pessoas que têm sua origem no meio rural e que vieram buscar na cidade melhores condições de vida. Chegando à cidade, se defrontam com a nova conformação produtiva, maiores restrições de acesso ao mercado de trabalho formalizado, tendo de ocupar, portanto, a franja produtiva, em actividades como a catação” (Severo, 2008).

Medeiros e Macedo (2006,p . 38) consideram que os catadores são excluídos do mercado formal de trabalho e “ encontram na catação a possibilidade de garantir sua sobrevivência, mesmo executando um trabalho desprovido de qualquer garantia trabalhista e, a partir daí, sentem-se novamente incluídos. Trata-se de uma inclusão perversa, pois como se pode verificar, com a lucratividade assegurada pelos processos de reciclagem, estes estão sendo realizados por pessoas

de diferentes segmentos e até mesmo por organizações terceirizadas, o que conduz paulatinamente para nova exclusão dos catadores.

Para Ferreira (2007), os praticantes desta actividade partem para a actividade de catador pessoas em idade economicamente activa, mas com baixa escolaridade, sem chances de concorrer a uma vaga no mercado formal de trabalho. Outrossim, Severo (2008) observa que os motivos alegados pelos mais velhos para seu desemprego geralmente estão relacionados a problemas de saúde, em razão de sua idade avançada, e destaca que “os catadores mais jovens, em sua maioria, não experimentaram actividades formais, iniciando o trabalho já enquanto catadores ou em outras actividades informais e parecem encarar a actividade como qualquer outra, algo comum”. Segundo os entrevistados de Medeiros e Macedo (2006), a catação torna-se uma actividade de sobrevivência para parcelas de excluídos, uma vez que em tal actividade a idade não constitui factor excludente, ao contrário do que se exige no regresso ao mercado formal de trabalho.

Gonçalves (2004) regista que, mesmo sendo uma característica comum desse segmento de trabalhadores, a baixa escolaridade ou qualificação profissional não deve ser considerada como o agente causador directo da realização da catação como forma de sobrevivência. Tal explicação seria uma fuga teórica que hiperdimensiona os indivíduos que se encontram em tal situação, desconsiderando, portanto, elementos estruturais do sistema produtivo apontado como responsável pelo seu desemprego e, em especial, por sua pobreza (Severo, 2008)

Aurélio (1986), compreende catadores de lixo como sendo “aqueles que historicamente tiram do lixo o seu sustento, seja através da prática da colectaselectiva ou junto de alguns parceiros que doam seu lixo os quais podem ser recicláveis e seleccionados na fonte ou local”. Seabra (2007), entende por catadores de lixo “aquelas pessoas que passam todo o dia recolhendo plásticos e outro material reciclável”.

2.5. Exclusão Social e Estrutura Urbana

Autores como Harvey (2008) e Lefebvre (1968) discutem como o espaço urbano é moldado para reforçar desigualdades. Enquanto Harvey aborda a injustiça espacial e a segregação dos grupos

marginalizados, Lefebvre propõe o direito à cidade como um caminho para combater essa exclusão.

Saskia (2001) aponta que, nas cidades globais, os trabalhadores informais, como os catadores, são frequentemente relegados a uma condição de precariedade extrema. ZygmuntBauman(2005), por sua vez, fala do conceito de "descarte humano", em que os catadores são tratados como resíduos sociais de um sistema económico excludente.

2.6. Identidade e Representações Sociais

A identidade dos catadores é construída em meio a um jogo complexo entre autopercepção e representações sociais. Dubar (2000) explora como os processos identitários são formados por meio de relações sociais e contextos específicos. Goffman (1963) contribui com sua análise do estigma, mostrando como ele afecta a interacção e a identidade social.

Além disso, Velho (1988) destaca a construção das trajectórias individuais e como essas narrativas ajudam a dar sentido às vidas marginalizadas. Castells (1999) acrescenta a ideia de identidade de resistência, na qual grupos excluídos constroem formas de solidariedade e pertencimento para enfrentar sua condição.

Como a nossa opção teórica é a representação social Abric (2000), destaca que as representações sociais, além da cognição desempenham um papel bastante relevante na sociedade, porque definem as identidades e permitem a protecção das especificidades dos grupos. Segundo Dos Santos (2011) a construção da identidade está em muitos casos imbricado de relações de poder, de tal modo que no processo de identificação ou diferenciação, quem exerce o poder de representar exerce também o de definir a apropriação dos bens simbólicos e materiais, razão pela qual, na construção de identidades tem havido lutas de representações.

2.7. Percepção de Risco e Vulnerabilidade

A percepção de risco entre os catadores vai além do perigo físico directo. Douglas (1976) afirma que o risco é culturalmente construído, enquanto Giddens (1991) argumenta que, na modernidade reflexiva, os riscos são amplificados por estruturas sociais desiguais. O lixo é visto como fonte de sobrevivência. Para os catadores, a lixeira tem um valor e significado particular: o emprego. Nem todos catadores se preocupam com a sua saúde e quando acontece, eles culpam a feitiçaria e se curam por meio da automedicação.

A contribuição da Antropologia na presente pesquisa é extremamente importante. Ela restitui nossas premissas básicas no horizonte epistemológico ocidental, tornando possível uma perspectiva crítica frente a nossas “verdades” mais fundamentais, favorecendo a construção de um novo paradigma para a abordagem da realidade não ocidental.

A concepção que os indivíduos têm sobre saúde e doença é contextual. Saúde e doença não representam a mesma coisa para todas as pessoas dependendo da época, do lugar onde o indivíduo encontra-se inserido.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (s.d), a saúde é o estado mais completo, e que se expressa no bem-estar físico, mental e social, e não apenas na ausência da enfermidade. Doença seria a ausência do bem-estar físico, mental, ou seja, o inverso da saúde. Com o desenvolvimento da corrente interpretativa em Antropologia, surge uma nova concepção da relação entre indivíduo e cultura, e torna-se possível uma verdadeira integração da dimensão contextual na abordagem dos problemas de saúde.

Geertz (1973) concebeu a cultura como o universo de símbolos e significados que permite aos indivíduos de um grupo interpretar a experiência e guiar suas ações. Para Geertz, a cultura fornece modelos “de” e modelos “para” a construção das realidades sociais e psicológicas.

Geertz considera a cultura como o contexto no qual os diferentes eventos se tornam inteligíveis. Essa concepção estabelece ligação entre as formas de pensar e de agir dos indivíduos de um grupo, ou seja, entre os aspectos cognitivos e pragmáticos da vida humana e, ressalta a importância da cultura na construção de todo fenômeno humano.

Nesta perspectiva, considera-se que as percepções, interpretações e ações, até mesmo no campo da saúde, são culturalmente construídas. Falando de risco, iremos salientar primeiramente que, para este trabalho, o conceito de risco deve ser entendido como a possibilidade de ocorrência de algo que origine danos aos catadores ou a sua saúde. Outro contexto de risco diz respeito à presença dos caminhões, o que se explica pela maneira desorganizada dos motoristas se locomoverem na lixeira, quando descarregam o lixo, ou manobram os veículos sem ter em conta a presença dos catadores.

Segundo Porto (2000, p. 8), o risco pode ser entendido, de uma maneira genérica, como toda e qualquer possibilidade que algum elemento ou circunstância existente num dado processo e ambiente de trabalho possa causar danos à saúde, seja através de acidentes, doenças ou do sofrimento dos trabalhadores, ou ainda através da poluição ambiental.

2.8. Políticas Públicas e Direitos

Santos (2007), defende a importância da justiça cognitiva, argumentando que os saberes e práticas dos catadores precisam ser valorizados no desenho de políticas públicas. Já Sen (1999) propõe a ampliação das capacidades humanas como forma de inclusão social efetiva. No Brasil, o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) é frequentemente citado como exemplo de sucesso na organização desses trabalhadores e na luta por direitos sociais e económicos.

O Conselho Municipal (Poder Público) é quem deve pensar na estratégia para Gestão de Resíduo Sólido Urbano é o centro de todas as demandas deste sector, organizando, licenciando, controlando e ou fiscalizando e acima de tudo garantindo estrutura para que o transporte e deposição final aconteçam de forma sustentável. As comunidades que podem ser vistas como as instituições do estado e privadas, devem ser educadas e ter capacidades para compreender os símbolos que vão dar significação a estratégia do Conselho Municipal no que diz respeito a Gestão de Resíduos Sólidos Urbanos.

Sendo assim, o principal desafio que se coloca aos municípios em Moçambique, é a gestão de resíduos sólidos de forma integrada. Isto implica a articulação das dimensões de sustentabilidade (económica, ambiental, social e institucional). A Constituição da República declara no artigo 90, que o meio ambiente de uso comum de todos e impõe, tanto ao poder público quanto à colectividade, o dever de zelar pela sua protecção.

A Lei das Autarquias locais - Lei 2/97, de 18 de Fevereiro, garante aos municípios, competência para a busca do desenvolvimento local com qualidade ambiental, conferida da seguinte forma: a autonomia quanto ao licenciamento ambiental e controle dos impactos ambientais locais; criação e manutenção de parques e áreas verdes; promoção da educação ambiental e planeamento ambiental entre outros.

À esta lei associam-se mais 4 específicas, que formalmente são complemento da Lei do Ambiente, são elas:

- Regulamento sobre a Gestão de Resíduos Sólidos Biomédicos. - Decreto n.º8/2003, de 18 de Fevereiro;
- Regulamento sobre Inspeção Ambiental - Decreto n.º 11/2006, de 15 de Junho;
- Plano Director Gestão de Resíduos Sólidos Urbanos na Cidade de Maputo;
- Regulamento sobre Gestão de Resíduos Sólidos - Decreto n.º 13/2006, de 15 Junho.

Sendo este último o norteador ou mesmo o centro da normalização deste setor que nos propusemos a apresentar neste trabalho. A consciência de que é necessário integrar à gestão dos resíduos sólidos, é algo que vem surgindo a partir das situações que muitas cidades, vem vivendo, principalmente as africanas, como é o caso de Maputo.

2.9. A Sociabilidade dos Catadores de Lixo

A literatura considera os catadores como indivíduos vítimas de exclusão social. A exclusão social pode ser compreendida ainda como um processo de apartação social, ou seja, um fenómeno de separar o outro, não apenas como um desigual, mas como um não-semelhante. É, portanto, uma forma contundente de intolerância social (Buarque 1993).

Segundo Chefo (2003, p. 11) refere que “a lixeira de Hulene reproduz a pobreza na medida em que os indivíduos que nela recolhem lixo estão conformados com a sua situação e nem questionam o sistema social que os exclui e nem se organizam para o fazer.

A lixeira é tomada como sendo um espaço de conformismo, contribuindo para a estabilidade e para continuidade da ordem social em curso e, portanto, para a reprodução das desigualdades sociais”.

Neste perspectiva, Serra (2003, p. 40) afirma que “os lixeiros são uma família sociológica duplamente excluída; seja dos benefícios de ordem social vigente em Moçambique ou do direito à normalidade que os “outros” os empreiteiros da moral em seu lugar definiram. Eles vivem com e no meio daquilo que os outros abandonaram ou deitaram fora, quase todos os estigmatizam”. Dacordo com Gorbán (2004), a rua constituiu-se, para os desempregados, como um local dentro

do mercado de trabalho. Entre esses trabalhadores, encontramos os catadores de material reciclável, que adentram no cenário urbano catando papel, vidro, lata e outros materiais.

Na maioria dos casos, estes trabalhadores são os agentes iniciais do circuito de produção da reciclagem e sustentabilidade ambiental. E o que se vê nos perímetros urbanos das nossas cidades é um número significativo de homens, mulheres, crianças e adolescentes sendo absorvidos de forma muito rápida pelo mercado de trabalho informal e desqualificado da catação de lixo ou de material reciclável.

Monteiro (199) destaca que, o grande aumento populacional das últimas décadas, aliado à migração dos centros rurais para os urbanos e o acelerado processo de automação industrial fez com que o mercado de empregos se tornasse mais reduzido, acarretando uma maior população de desempregados. Apesar de ocorrer em todo mundo, essa foi uma característica mais acentuada nos países pobres e em desenvolvimento. Devido ao aumento de lixo nas cidades, Magalhães (2004) acusa a industrialização como responsável pelo aumento do lixo e a consequente multiplicação dos problemas ambientais.

De acordo com Miura e Sawaia (2013), a catação embora não seja um ótimo trabalho, não elimina a desigualdade, não altera a estrutura de desigualdade apenas está a contribuir no afastamento as pessoas da miséria absoluta e lhes dando uma possibilidade de se inserirem socialmente de um modo que eles pensam ser mais digno.

Os catadores em sua função sobrevivem à uma situação de desemprego ou subemprego, actuando activamente na economia com toneladas de material reciclável participando economicamente na indústria de reciclagem. Contudo, apesar de importantes no mercado, são ignorados socialmente e desprovidos de seus direitos, já que o catador não se configura como trabalhador reconhecido, impossibilitando assim o exercício da cidadania (cf.Suman 2004).

Embora a actividade dos catadores gere sustento para diversas famílias, como constatado no trabalho de Calderoni (2003), trata-se de uma actividade socialmente desinteressante que associada à imagem do lixo, da sujeira e de materiais que despertam nojo tem como seus

executores representantes do que a sociedade não quer mais, de cuja existência não deseja se lembrar, pois são também associados ao material do qual sobrevivem

2.10. Enquadramento Teórico

A realidade dos catadores de lixo, especialmente no contexto da Lixeira de Hulene em Maputo, exige uma análise teórica que aborde de forma aprofundada os conceitos de risco ocupacional, invisibilidade, vulnerabilidade e identidade.

Para tal, recorreremos a três autores que oferecem uma base teórica sólida para compreender a situação dos catadores: Goffman, Foucault e Giddens. Cada um deles oferece uma contribuição distinta, mas interligada, permitindo uma visão mais abrangente sobre as dinâmicas sociais que envolvem esses trabalhadores.

2.11. Risco Ocupacional e Vulnerabilidade: Giddens e Foucault.

O conceito de risco ocupacional está diretamente relacionado às condições de trabalho dos catadores de lixo, que enfrentam uma série de ameaças à sua saúde e segurança no desempenho de suas funções. Giddens, em sua análise sobre a modernidade e a reflexividade da identidade, oferece uma contribuição importante para entender como os riscos ocupacionais são internalizados pelos trabalhadores. Em *Modernidade e Identidade* (1991), Giddens explica que, na sociedade moderna, os indivíduos estão constantemente sujeitos a riscos, que são cada vez mais desiguais e distribuídos de maneira desigual entre diferentes grupos sociais. O risco não é apenas uma ameaça física, mas também simbólica e social.

No contexto dos catadores, o risco ocupacional é vivido de forma intensa. O trabalho com lixo envolve a exposição a diversos perigos, como doenças, contaminações e acidentes. Além disso, a ausência de equipamentos de proteção adequados e de regulamentação formal de suas atividades intensifica a vulnerabilidade física desses trabalhadores.

No entanto, Giddens também sugere que, na sociedade moderna, os riscos são percebidos de forma diferenciada e refletem a posição social dos indivíduos. No caso dos catadores de lixo, esses riscos são agravados pela marginalização e pela ausência de proteção social, criando um

ciclo de vulnerabilidade estrutural. Por outro lado, Foucault complementa essa análise ao abordar o conceito de biopolítica, que se refere ao controle e à gestão das populações pela sociedade.

Em sua obra *Vigiar e Punir* (1975), Foucault descreve como as sociedades modernas regulam a vida das pessoas, incluindo os corpos e os trabalhos que são considerados marginalizados ou perigosos. O trabalho dos catadores de lixo se insere nesse contexto de controle social, onde a invisibilidade desses trabalhadores é uma forma de exclusão social.

A biopolítica opera através da negação da dignidade e dos direitos desses trabalhadores, considerando-os apenas como uma força de trabalho não regulamentada, sem reconhecimento formal ou proteção.

O risco ocupacional dos catadores de lixo, portanto, não é apenas físico, mas também simbólico. A invisibilidade social que os envolve os coloca em uma posição de vulnerabilidade em relação aos sistemas de poder e controle. Foucault enfatiza como o poder opera de maneira sutil, criando sujeitos que são ao mesmo tempo excluídos e controlados. No caso dos catadores, a sociedade moderna os invisibiliza, enquanto o poder é exercido por meio da falta de regulamentação e proteção das suas condições de trabalho.

2.12. Invisibilidade e Estigma: Goffman e Foucault

A invisibilidade social dos catadores é uma característica marcante da realidade que esses trabalhadores enfrentam. Goffman, em *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Destroçada* (1963), oferece uma análise profunda sobre como a sociedade trata os indivíduos que possuem características estigmatizadas.

Goffman descreve como o estigma opera como um processo de desvalorização social, em que os indivíduos são classificados como diferentes e, conseqüentemente, excluídos dos espaços sociais considerados legítimos. Para Goffman, o estigma está intimamente ligado à construção da identidade, pois as pessoas que são estigmatizadas se veem como diferentes da norma social e, frequentemente, internalizam essa desvalorização.

No caso dos catadores de lixo, o estigma social é evidente. A atividade de trabalhar com lixo é frequentemente associada à sujeira, ao fracasso e à marginalidade, o que leva à exclusão social desses trabalhadores. Goffman argumenta que, ao serem identificados por suas atividades, os

catadores são vistos como sujeitos do lixo, o que resulta em uma marginalização de sua identidade social. Mesmo que, para os próprios catadores, o trabalho com resíduos seja uma forma legítima de sustento, a sociedade os vê de forma estigmatizada, contribuindo para a sua invisibilidade.

Essa invisibilidade é reforçada pela falta de representação política e institucional. Os catadores são raramente mencionados nas políticas públicas ou nos discursos que tratam da gestão de resíduos. Ao serem invisibilizados, eles são também desconsiderados como agentes de mudança social ou econômica, apesar de desempenharem um papel essencial na economia circular e na preservação ambiental.

A invisibilidade social, portanto, vai além da ausência de visibilidade no discurso público; ela se traduz em uma marginalização estrutural que os impede de acessar direitos fundamentais, como a segurança no trabalho, o reconhecimento profissional e a proteção social.

2.13. Identidade e Resistência: Goffman e Giddens

A identidade dos catadores de lixo é, sem dúvida, um dos aspectos mais complexos de sua vivência. A construção dessa identidade está marcada por um processo contínuo de negociação entre o estigma imposto pela sociedade e a forma como os próprios catadores se veem e se posicionam. Goffman sugere que a identidade é algo que é socialmente construída, sendo moldada tanto pela percepção externa quanto pela autopercepção do indivíduo. Para tal, no caso dos catadores de lixo, a identidade não é definida apenas pelo trabalho em si, mas pela maneira como essa atividade é vista socialmente e pela forma como eles se relacionam com o estigma que recai sobre eles.

Porém, Goffman também sugere que, mesmo em situações de estigmatização, os indivíduos podem resistir e buscar formas de redefinir suas identidades. Os catadores de lixo, ao formarem redes de solidariedade e ao se organizarem em grupos informais, constroem uma identidade coletiva que lhes permite resistir à exclusão e criar uma forma de pertencimento dentro de sua própria comunidade. A identidade, assim, não é algo fixo ou passivo, mas algo que é constantemente moldado e ressignificado pelas interações sociais.

A visão de Giddens sobre a identidade como um processo dinâmico também é relevante para entender a construção da identidade dos catadores. A identidade moderna é reflexiva, ou

seja, os indivíduos são constantemente influenciados pelas condições sociais, mas também têm a capacidade de refletir sobre essas condições e moldar suas respostas a elas. Para os catadores de lixo, a identidade é construída a partir de suas interações diárias, tanto com outros catadores quanto com a sociedade em geral. Apesar das condições precárias de trabalho e da exclusão social, os catadores resistem e constroem uma identidade coletiva que valoriza o trabalho que realizam e a contribuição para a sociedade.

A resistência dos catadores, portanto, é tanto uma forma de reivindicação de dignidade quanto uma estratégia de construção identitária. Através de sua autopercepção e da solidariedade entre eles, eles reconstruem a própria narrativa do que significa ser catador, desafiando o estigma imposto pela sociedade. Como Giddens afirma, a identidade não é apenas algo imposto externamente, mas é o resultado de um processo contínuo de reflexividade e agência.

A análise das dinâmicas de risco ocupacional, invisibilidade, vulnerabilidade e identidade dos catadores de lixo na Lixeira de Hulene, utilizando as contribuições teóricas de Goffman, Foucault e Giddens, revela a complexidade das relações sociais e da construção identitária desses trabalhadores.

Através do estigma e da marginalização social, os catadores enfrentam uma vulnerabilidade tanto física quanto simbólica, marcada por riscos ocupacionais elevados e por uma invisibilidade social que reforça a exclusão. No entanto, a identidade dos catadores não é algo passivo ou imutável. Eles têm a capacidade de resistir e reconfigurar suas identidades, criando redes de solidariedade e afirmando seu papel essencial na sociedade.

CAPÍTULO III -METODOLOGIA

No presente capítulo damos a conhecer o contexto em que a pesquisa foi realizada, as técnicas e instrumento de recolha de informação usados na pesquisa de campo e o tipo de informação que as mesmas possibilitaram obter. A presentamos também os desafios encontrados no percurso da pesquisa e as formas pelos quais foram superados.

3.1. Contexto da Pesquisa

A lixeira de Hulene, também conhecida por “*bocaria*” localiza-se a cerca de 10 km da cidade de cimento em Maputo no bairro de Hulene “B”. A lixeira de Hulene teve início do seu funcionamento no período colonial nos primeiros anos de 19705. Até os dias de hoje continua sendo o principal destino dos resíduos sólidos produzidos na cidade capital. Ocupa uma área de aproximadamente 2 km² e, é limitada na parte frontal pela Av. Julius Nyerere, na parte traseira e laterais, é cercada por um conjunto denso de habitações maioritariamente construído em blocos de cimento e chapas de zinco.

Salientar ainda que o bairro de Hulene “B”, localiza-se no Distrito Municipal KaMavota (antigo Distrito Urbano número 4) e, e limitado a norte pelo bairro de Magoanine “A” e pela Av.Maria de Lurdes Mutola, a sul pelo bairro de Hulene “A” e pela rua da Beira, a este pelos bairros de Laulane e de 3 de Fevereiro pela Av. Julius Nyerere e a Oeste com o Aeroporto Internacional de Maputo.

Este bairro ocupa uma área de 367,8 hectares 3,678 km², tem 130 quarteirões, 45.390 é o número total de habitantes, cerca de 21.647 masculina, 23.743 feminina e 8.450 famílias. Grande parte das casas deste bairro são inacabadas porque os seus moradores encontram-se numa situação de pobreza onde, o desemprego limita as possibilidades de terem condições de construir casas melhoradas.

Segundo as informações que tivemos no Departamento do Comércio da Secretária do Distrito Municipal KaMavota, a lixeira de Hulene serve de sustento para muitas famílias pobres daquele Bairro e para alguns bairros vizinhos. Algumas famílias do bairro de Hulene praticam agricultura nas zonas baixas do bairro de Laulane e outras praticam economia informal aquela que é virada.

Imagem 1; mostra a exposição da lixeira de Hulene na Av. JuliusNherere



Fonte: Dulce 2025

3.2. Entrevistas Semi-Estruturada

A entrevista é uma das principais técnicas de colectas de dados e pode ser definida como conversa realizada face a face pelo pesquisador junto ao entrevistado. segundo Laville & Dionne, 1999, p.188), as entrevistas semi-estruturadas podem ser definidas como uma lista das informações que se deseja de cada entrevistado, mas a forma de perguntar (a estrutura da pergunta) e a ordem em que as questões são feitas irão variar de acordo com as características de cada entrevistado. Geralmente, as entrevistas semi-estruturadas baseiam-se em um roteiro constituído de uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista” e preconceitos, no sentido de buscar a “objectivação”.

3.3. Estudo de caso

Como referimos, acima privilegiamos o estudo de caso ou análise situacional. Neste contexto concentramo-nos em analisar a trajetória individual dos catadores por nós entrevistados, de uma forma detalhada, através da sua história devida, e sua experiência como catador, que nos permitiu reconstruir e descrever a sua história.

Essa técnica possibilitou a compreensão sobre os desafios que os catadores enfrentam a cada dia na esperança de encontrar alguma coisa para levar para casa. Yin (2001), define o estudo de casos múltiplos como aquele no qual o investigador dedica-se a analisar mais de um caso de observação na mesma pesquisa para responder a mesmas questões, uma das particularidades do estudo de caso consiste na análise sobre como os indivíduos fazem uso das normas no seu quotidiano, e até mesmo o conflito existente como norma.

3.4. Registo Fotográfico

O registo fotográfico e a gravação de entrevistas foram importantes no decurso do trabalho de campo, pese embora desafiador devido ao receio dos interlocutores em fazer esse registo temendo represálias, por isso quase 70% do registo das entrevistas foi através de bloco de notas e memorização.

Foi usado o telemóvel (pessoal) para gravar as entrevistas e fotografar, mas antes pedia-se permissão do interlocutor, desde a forma pela qual os catadores realizam e vêem a sua actividades e de como se relacionam entre os catadores.

3.5. A Pesquisa de Campo

Nesta secção descrevemos a nossa experiência do campo, desde a nossa entrada, a forma como dialogamos com as pessoas e os locais da observação participante. Descrevemos igualmente as técnicas adoptadas para compreender a forma como os catadores vivenciam os desafios da lixeira de Hulene.

Esta pesquisa foi realizada em três fases: a primeira ocorreu entre os meses de Janeiro e Fevereiro do ano 2025 que consistiu em pesquisa exploratória, revisão de literatura e elaboração da proposta de pesquisa. A segunda fase da pesquisa decorreu entre Junho e Julho do ano 2025 e

consistiu na realização na pesquisa de campo. A terceira e última realizou-se entre Agosto de 2025 a Setembro do mesmo ano, que consistiu na análise dos dados.

A comunicação com os informantes da pesquisa foi feita em língua portuguesa. Para esta pesquisa privilegiamos os catadores, na lixeira de Hulene, onde se encontra maior parte deles, a recolherem uma diversidade de coisas como: Plástico, Garrafas Plásticas, Ferros, Roupas, Brinquedos e muito mais.

Não menos importantes, os meios de informação tiveram um papel importante nesse processo, desde relatos sobre o estudo na Televisões e jornal. Pina Cabral (2006:189-190) afirma que o uso diversificado das fontes de informação permite alcançar a “visão holística” da realidade pesquisada.

3.6. As técnicas usadas na pesquisa de campo

Na realização da presente pesquisa antropológica, usei o método etnográfico, seguindo a sugestão de Cardoso de Oliveira (2006:18), olhar, ouvir e escrever aquilo que acontece no campo de pesquisa. O autor acrescenta que o pesquisador deve registrar rituais, hábitos e gestos por mais insignificante que pareçam, na medida em que cada acção do entrevistado nos diz algo e que poderá influenciar na pesquisa. Neste âmbito privilegiei o uso das técnicas de observação participante, que incluíram o registo fotográfico e entrevistas semiestruturadas orientado por um guião de questões.

Também privilegiamos o estudo de caso, através de entrevistas extensivas com alguns catadores, privilegiados que nos acolheram desde o primeiro dia de trabalho de campo como nossos informantes, seguindo a proposta apresentada por Gluckman (1987). Gluckman utilizou método de análise situacional para comparar a sua pesquisa na Zuzuldia moderna, analisa a relação a partir de uma situação específica - a inauguração de uma ponte, onde tem presente tantos brancos (equipe administrativa, policiais e líderes), quantos Zulus (chefes locais, trabalhadores que construíram a ponte residentes da proximidade) para este caso específico, o evento orientou análise situacional desta pesquisa foi de acompanhar a história de vida destes catadores, nos qual tivemos maior interacção, a sua trajectória individual e a sua experiência quotidiana.

3.7. Observação participante

Para a observação participante, acompanhamos o dia-a-dia dos catadores de lixo, tendo como foco as acções realizadas pelos próprios dentro do seu contexto na lixeira de Hulene e em alguns momentos ajudamos os nossos informantes a procurar as garrafas de plásticos, e Ferros para irem vender. Esta forma de proceder Magnani (2002) denomina de “olhar etnográfico de perto e de dentro”.

Malinowski (1922) o observador deve estar presente no campo de estudo onde toma nota de tudo o que vê. É importante salientar ainda que o observador não pode confiar unicamente na observação, segundo Malinowski (1922), o observador deve estar presente no campo de estudo onde toma nota de tudo o que vê. É importante salientar ainda que o observador não pode confiar unicamente na observação participante pois, visto que a memória é selectiva e eliminaria uma grande variedade de comportamentos importantes para a pesquisa.

A observação também é considerada uma colecta de dados para conseguir informações sobre determinados aspectos da realidade. Ela ajuda o pesquisador a identificar e obter provas a respeito de objectivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento” (Marconi & Lakatos, 1996, p. 79).

A observação também obriga o pesquisador a ter um contacto mais directo com a realidade do participante pois, visto que a memória é selectiva e eliminaria uma grande variedade de comportamentos importantes para a pesquisa..

No primeiro dia da realização do trabalho de campo, constatamos um ambiente movimentado com os catadores a desenvolverem as suas actividades na Av. De Julius Nherere o clima era menos movimentado porque naquele dia os carros de Município eram antes de chegar com o lixo, para além disso era um dia de Domingo muitos catadores não vem trabalhar é o dia de descanso.

Nas primeiras aproximações aos catadores recusavam-se alegando estarem cansados de falarem do mesmo assuntos e sem nenhuma solução, em certo momento até perguntavam se depois de ouvi-los eu mudaria a sua situação. Alguns alegavam falta de tempo devido a natureza de trabalho de revirar o lixo e de correr atrás dos carros que chegam com lixo.

Difícil acesso as informações através das entrevistas, optamos em ficar e fazer o reconhecimento do local, olhando, e interpretando as acções, comportamentos, actitudes e a relação entre os catadores, depois de uma semana fazendo isso, voltamos a tentar comunicar-nos e fomos mais ousados, usando uma linguagem aproximativa e informal (xoo Boy, Na boa!), e começamos a ajudar-lhes a procurar garrafas, quando os encontrava aglomerado a conversar aproximavamos e nos conectava mais com eles e aos poucos iam se abrindo.

Primeiro sinal da normalização da nossa presença decorreu quando um dos catadores questionou a nossa constante presença naquele local, a situação que obrigou-nos a apresentar novamente há um dos catadores que já havia tentado comunicar com ele.

CAPITULO IV - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, apresentamos as percepções sobre o percurso de vida e dinâmicas na construção identitária profissional e social dos catadores de lixo de Hulene, que nos foram declaradas pelos diferentes actores sociais por nós entrevistados na lixeira de Hulene.

A partir das narrativas recolhidas observa-se que muitos catadores, ao entrarem nesse universo laboral, passam por processos de ressignificação de si próprios, lidando com preconceitos, estigmas e rupturas familiares. é justamente nesse espaço marginalizado que constroem redes de solidariedade, formas de organização e identidades profissionais específicas.

Muitos referem-se a si como “trabalhadores do lixo”, “recicladores”, “sobreviventes” ou “chefes de família”, revelando que a identidade profissional não é estática, mas negociada diariamente entre o reconhecimento interno e o desrespeito externo.

O lixo transforma-se, na perspectiva dos catadores, numa “matéria viva”: pode gerar renda, relações sociais, aprendizagens e até disputar moralidades. Assim, a prática de catar lixo não é meramente um expediente económico; ela se torna uma forma de trabalho socialmente situada, carregada de significações, experiências e discursos que reconfiguram o que significa “trabalhar” nos limites da cidade.

4.1. Caracterização e perfil dos cantadores

A maioria dos cantadores de lixo entrevistados, não completara o primeiro ciclo escolar primário. Nas conversas que houve com alguns dos cantadores na lixeira, disseram que não estudaram porque os custos para sustentar o pagamento da inscrição e as despesas escolares são elevadas. A preocupação diária dos cantadores é com o sustento pessoal e familiar. Isto é: garantir comida para eles e sua família.

Verificamos também que existem crianças que catam lixo, algumas das crianças não têm Moradia e vivem sozinhas são órfãs. Estas crianças usam abrigos improvisados na lixeira. As crianças órfãs que catam o lixo na lixeira de Hulene recolhem ferro, plástico, comida e outros tipos de material.

Dentro da lixeira o consumo de bebidas alcoólicas como (tentação, vinho Dom barril, duplo punche entre outras) e o uso de cigarros (preparados com folhas secas) é frequente e muito comum entre os catadores. Os catadores dizem que fumam e consomem bebidas alcoólicas porque o consumo destas drogas dão lhes forças para trabalhar e conseguem ficar muito tempo sem se alimentar.

4.2. Trajectória dos cantadores

Nesta secção apresentamos a trajectória de Américo e Joana. Catadores que tivemos maior interacção durante a pesquisa de campo, onde se destaca as suas experiência como catadores e os seus sentimentos como elementos integrantes naquele meio social. Américo, tem 35 anos, natural de Manjacaze, Província de Gaza, com 2 anos a trabalhar na lixeira de Hulene, na Av.

Julios Nhereres, descreve a sua trajectória contextualizando as razões que levaram a exercer o trabalho na lixeira de Hulene.

Começou a fazer negócio em 2013 quando o seu pai perdeu a vida, a altura ele vivia na sua terra natal e frequentava a 8 classe. Após a morte do seu pai, mudou-se para xai-xai, em xai-xai vivia numa casa arredada, começou a enfrentar dificuldade no pagamento da renda e nas despesas alimentícias. Foi obrigado a viajar a cidade de Maputo em busca de oportunidade e melhores condições de vida, chegado a Maputo, conseguiu um trabalho de capinar na machamba no Distrito da Manhiça, onde trabalhou durante 2 anos.

Em 2016 regressa a Província de Gaza para casar. Os donos da Machamba, onde ele trabalhava recomendaram que para continuar a trabalhar deveria estar casado para não se desviar do trabalho. Regressa a Maputo na companhia da sua esposa, onde passou a residir numa casa que o seu patrão havia disponibilizado para eles viverem.

Depois de alguns meses a relação com o seu chefe começa a desandar devido a forma pela qual o Américo consumia os produtos cultivados, nas palavras do interlocutor produzia para o seu patrão e outra parte de terra para ele, na qual, o seu patrão havia disponibilizado para ele cultivar junto a sua mulher, com desavença com o seu empregador relativo a gestão do trabalho, este decide romper com o trabalho, portanto, após receber o seu salário este pede demissão, muda-se para zona de Hulene na cidade de Maputo onde passou arrendar uma casa.

Como forma de procurar meios alternativos para sustentar em casa, no mesmo ano este começa a tralhar como guarda” (Segurança) durante a noite numa loja do Nigeriano na baixa de Maputo, o que ganhava no novo trabalho investia pouco apouco na compra de produtos de produtos para a sua banca, onde vendia (Rebusnados, Bolachas e Doces), passou a fazer este negocio como forma de reforçar porque no seu emprego o pagavam 3000Mt como guarda .

E este vivendo no bairro de Hulene sempre via os seus vizinhos a irem fazer as actividades derecolha de lixo na lixeira e, certo dia um dos vizinhos o convidou a ir o acompanhar, nas actividade na lixeira, e o Américo viu a vantagem de exercer a mesma actividade pela quantidade do valor que o seu vizinho havia vendido o que havia conseguido na lixeira, e este largou o emprego e passou a frequentar o trabalho de catador na lixeira de Hulene.

Joana de 25 anos, natural da cidade de Maputo, actualmente vive em Bobole, pratica actividade de catadora de lixo em Hulene a 20 anos , começou ainda criança, com os seus 5 anos, nessa altura frequentava a lixeira com a sua mãe, aos 17 anos , já estava grávida do seu primeiro filho, e isso constituiu um problema para continuar com as suas actividade uma vez que a gravidez era de risco, na altura frequentava 7 classe.

Após ter o seu primeiro filho, ela começa a olhar para as possibilidades e por forma de ajudar o marido que na altura trabalhava como ajudante de pedreiro em obras, viu-se obrigada a voltar a exercer as actividade na lixeira de Hulene, uma vez já tinha experiencia acumulada e achou mais adequado iniciar com actividade de catador que já conhecia o seu funcionamento.

4.3. Valores e Significados que os Catadores Atribuem ao Lixo

Nesta secção apresentamos a percepção que os catadores tem sobre o valor e o significado que o lixo tem nas suas vidas. A relação que os catadores da lixeira de Hulene estabelecem com o lixo ultrapassa uma simples dimensão material. Trata-se de uma relação simbólica, carregada de valores, significados e percepções sociais que se constroem no quotidiano do trabalho e nas interacções entre os próprios catadores e a sociedade envolvente, na qual, é reinterpretado por aqueles que dele vivem como fonte de sustento, espaço de convivência e, sobretudo, como um elemento estruturante de identidades profissionais e sociais. Assim sendo o primeiro interlocutor João afirma o seguinte:

Aqui eu procuro ferro e vidro. Faço mesas, portas e janelas. Através deste trabalho tenho um pequeno canto onde coloco os meus produtos a venda. Esta lixeira significa muito, porque é daqui onde busco matéria-prima para o meu trabalho e graças a este trabalho já consegui adquirir um espaço que estou a pagar pouco apoucou.

Neste sentido, compreender os valores e significados que os catadores atribuem requer uma leitura antropológica que vá para além das aparências. O lixo, enquanto categoria social, carrega tensões entre exclusão e dignidade, marginalidade e resistência, sujeira e valor. Segundo Gouveia (2012), o acto de recolher, seleccionar e transformar resíduos urbanos implica uma reinterpretação do que a sociedade descarta, constituindo um processo simbólico de inversão de valores o que é inútil para uns torna-se essencial para outros. Assim, na perspectiva dos catadores, o lixo não representa apenas desperdício, mas oportunidade e vida.

Para muitos catadores da lixeira de Hulene, o lixo representa uma espécie de “património quotidiano”, uma fonte de recursos que garante a sobrevivência das suas famílias e assegura o mínimo de autonomia económica. O valor atribuído ao lixo é, antes de mais, um valor económico, mas impregnado de um forte sentido moral.

Como afirmam Medeiros e Macedo (2006), ao transformar resíduos em meio de subsistência, o catador dá novo sentido à ideia de trabalho e reconfigura a fronteira entre o que é considerado “trabalho digno” e o que é “trabalho marginal”. Esta resignificação é visível no orgulho com que muitos catadores afirmam a importância do que fazem, mesmo diante do preconceito e da exclusão social.

Esses catadores de Hulene, transformam o lixo em mercadoria, reconfigurando o seu significado social e económico. É nesse processo que emergem os valores de trabalho, esforço e dignidade, que se tornam centrais na construção das suas identidades. O segundo interlocutor Osvaldo sustenta que :

“O que consigo aqui ajuda nas despesas de casa, Temos associação dos catadores, nos contribuimos um certo valor para trabalho tem muito significado para mim, porque aqui sei ganhar alguma coisa para levar para casa, com o pouco que o caso de acidente temos onde

recorrer para enterrar o nosso colega uma vez que não temos ajuda de Município nos aqui nos consideramos de família nos ajudamos uns aos outros.”

Além do valor económico e simbólico, o lixo adquire também um valor social e moral entre os catadores. Muitos consideram que, através da sua actividade, contribuem para o bem-estar da comunidade, reduzindo a poluição e promovendo a limpeza da cidade, essa percepção é reforçada por iniciativas de organizações locais e cooperativas de reciclagem que procuram reconhecer o papel dos catadores como agentes ambientais.

Assim, o lixo deixa de ser apenas um meio de sobrevivência e passa a representar uma função social positiva a de cuidar do ambiente e da cidade (Gouveia, 2012). Para, Oliveira (2017), o trabalho com resíduos em contextos de pobreza urbana tende a gerar formas específicas de sociabilidade e de economia moral, nas quais a reciprocidade e a ajuda mútua desempenham papel central. Essa economia moral manifesta-se, por exemplo, nas trocas entre catadores, no partilhar de alimentos e ferramentas, e no apoio mútuo em momentos de doença ou dificuldade. O terceiro interlocutor, Rosa diz que:

“ Tenho 2 filhas, tenho 10ª classe, eu trabalho aqui na lixeira, comecei a trabalhar aqui com minha mãe desde criança, e sai para o meu lar e continuo a trabalhar.

No caso de Hulene, esta percepção do lixo como recurso é ainda mais marcante, devido à longa história da lixeira, que se tornou um espaço de sociabilidade, solidariedade e disputa simbólica. Muitos catadores nasceram ou cresceram nas proximidades e incorporaram o trabalho com o lixo como parte da sua trajectória de vida. A lixeira não é, para eles, apenas o local de trabalho, mas o espaço onde se tecem relações sociais, afectivas e identitárias. Assim, o valor do lixo é também um valor de pertença, um símbolo de um modo de vida partilhada, construído na adversidade.

Nascimento (2009) sustenta que, o catador transforma a rejeição social em sobrevivência concreta, reinventando a relação com o que é descartado. Este acto de ressignificação constitui, em si, uma

Bosi (2008) observa que, em contextos de trabalho informal e marginalizado, os trabalhadores constroem uma identidade baseada no valor do esforço e na utilidade social do que fazem, mesmo que esse valor não seja reconhecido pelas instâncias formais. Essa afirmação também se

aplica aos catadores da lixeira de Hulene, que frequentemente se identificam como “trabalhadores” e “recicladores”, rejeitando designações pejorativas como “mendigos” ou “vadios”. Essa recusa de uma identidade imposta pelo estigma é um acto simbólico de resistência, através do qual os catadores reivindicam dignidade e legitimidade social.

Simultaneamente, o lixo é um símbolo de exclusão social e reafirmação e ou resistência, na qual, ele (o lixo) marca o limite entre o que é limpo e o que é impuro, o que é valorizado e o que é rejeitado. Na perspectiva antropológica, essa fronteira remete para as reflexões de Mary Douglas (1966), que define o “sujo” como aquilo que está fora de lugar ou seja, o que viola as classificações sociais e culturais estabelecidas. No caso dos catadores, a sua relação com o lixo rompe com as fronteiras simbólicas da cidade: eles lidam com o que é descartado, com o que a sociedade prefere não ver, tornando-se, por isso, figuras que habitam um espaço liminar, entre a visibilidade e a invisibilidade.

4.4. Percepções sobre a exclusão dos catadores de Hulene

Nesta seção procuramos trazer as narrativas dos catadores sobre o olhar da sociedade ao seu trabalho, e os mesmos queixam-se da rotulação que as pessoas atribuem a eles, e ainda sustentam que essa exclusão é complexa porque está também na demissão política e institucional. Mediante a isso, a interlocutora Suzana sustenta o seguinte:

“Aqui, temos esses alunos da Escola Secundária Força do Povo, nos olha com desprezo, como se eu não estudei, é como se eu não fosse nada perante a eles, uma vez que as nossas vestes ficam suja e com mau cheiro, e eles acham que são superiores a nós.”

No plano simbólico, a exclusão social dos catadores manifesta-se através da estigmatização e desvalorização social, a sociedade urbana tende a associar o trabalho com lixo à sujeira, à pobreza e à marginalidade. Essa percepção gera discriminação e exclusão simbólica, impedindo que os catadores sejam vistos como trabalhadores legítimos (Douglas, 1966; Goffman, 1988). Em Moçambique, expressões como “Moluénes” e “Marginais” são frequentemente utilizadas de forma pejorativa para se referir a quem vive do lixo, revelando como o estigma é incorporado na linguagem quotidiana (Nhantumbo, 2015).

A consequência desta estigmatização é a internalização do desprezo e da vergonha, o que compromete a autoestima e o sentido de pertencimento social dos catadores (Serra, 2003). Como sublinha Goffman (1988), o estigma não apenas marca a diferença, mas também cria fronteiras morais e identitárias que definem quem é considerado “normal” e quem é “desviante”.

A localização da lixeira de Hulene é também um marcador de exclusão, situada na periferia da cidade, onde, a lixeira separa simbolicamente “a cidade formal” da “cidade dos excluídos”. A geografia da exclusão é visível nas condições de vida precárias: habitações improvisadas, falta de saneamento básico, acesso limitado a água potável e serviços de saúde (Massingue, 2019; Nhantumbo, 2015). O espaço físico da lixeira torna-se, assim, um espaço social de marginalização, onde os limites urbanos reproduzem hierarquias sociais (Lefebvre, 199:12).

4.5. Percepção sobre risco e doença para os catadores de Hulene

Nesta secção procuramos trazer os riscos que os catadores vive no seu dia pós dia, estes afirmam que os riscos são enormes desde instrumentos cortantes, garrafas partidas, mau cheiro, aluta que estes enfrentam na chegada de carros de municípios, visto que este, aglomera-se no carro e alguns são soterrados com o lixo, no processo do despejo do lixo. Porém, neste espaço convivem diariamente centenas de homens, mulheres e crianças que encontram no lixo uma fonte de sustento, num contexto marcado pela pobreza.

Do ponto de vista antropológico, o risco não é apenas um fenómeno físico, mas também uma experiência socialmente construída, porém, os catadores interpretam o perigo de acordo com suas próprias vivências e valores. Durante um levantamento de campo, alguns relatos ilustram essa percepção: A interlocutora Joana expressa o seguinte:

“Aqui o lixo é o nosso pão mesmo sabendo que posso cortar-me ou ficar doente, não posso deixar de vir. É daqui que tiro o que comer e o que vendo para criar os meus filhos.”

Outro catador, conhecido como Cláudio, explica:

“Já vi muitos amigos a adoecer. Alguns tossiam muito, outros tiveram feridas que nunca fecharam. Mas quando o corpo aguenta, a gente continua. Parar é pior, porque sem trabalhar não há comida.”

De acordo com Manhiça (2024), o risco é normalizado dentro da luta pela sobrevivência. O lixo, ao mesmo tempo ameaça e sustento. A identidade profissional dos catadores é construída nesse paradoxo: são vistos como marginais pela sociedade, mas reconhecem-se entre si como trabalhadores indispensáveis ao funcionamento da cidade.

Do ponto de vista antropológico, compreender o risco é compreender o modo como esses indivíduos constroem o sentido e a dignidade num espaço de marginalização. A resposta institucional deve, portanto, ir além das medidas biomédicas, incluindo políticas de inclusão social, reconhecimento profissional e acesso à saúde.

Entre os principais riscos físicos estão os cortes provocados por vidros e metais, queimaduras devido aos incêndios frequentes e traumas por queda de resíduos. As doenças infecciosas mais comuns incluem tétano, hepatite, tuberculose, doenças respiratórias e infecções de pele. Também são registados casos de diarreia e leptospirose, resultantes do contacto com água contaminada.

4.6. Percepções dos Catadores sobre a Não Formalização do seu trabalho pelo Município de Maputo

Nesta secção procuramos trazer as narrativas e percepções que os catadores tem mediante a valorização do seu trabalho pela instituição do Município. Muitos catadores relatam que, embora contribuam directamente para a gestão ambiental através da separação e reaproveitamento de resíduos, sentem-se ignorados pelo Município. Expressões como “o Município sabe que estamos aqui, mas finge que não existimos” são frequentes, revelando uma percepção de invisibilidade institucional que reforça a marginalização. A interlocutora de nome Luísa expressa o seguinte:

“O Município não nos protege e temos uma associação que alguém criou para nos proteger entre nós mesmo, sem depender do governo, para o Municípios não existimos aqui e não passamos de marginais ou mesmo mendigos.”

Portanto, o que se percebe é que a reivindicação dos catadores ultrapassa a dimensão laboral: trata-se de uma luta pela pertença à cidade. A ausência de formalização é interpretada como uma tentativa de mantê-los num “não-lugar urbano.

De acordo com Alves (2018), para muitos catadores, a ausência de formalização não é entendida como simples falha administrativa, mas como exclusão deliberada. O cantador Kaio surge com comentários como:

“Trabalhamos com lixo da cidade toda, mas não temos direito a nada. Para o Município, somos só gente a atrapalhar a paisagem.”

A percepção central é que o Município privilegia políticas urbanas orientadas para a imagem da cidade, negligenciando sectores populares considerados “incompatíveis” com projectos de modernização urbana.

CAPÍTULO V - CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objectivo compreender o percurso de vida e dinâmicas na construção identitária profissional e social dos catadores de lixo de Hulene. Assim Sendo, da realidade constatada durante o trabalho de campo permitiu compreender e reconhecer, de forma ampla e profunda, que estes sujeitos constroem quotidianamente um espaço social marcado por contradições, criatividade, resistência e sofrimento.

Os catadores obtêm da venda dos produtos recolhidos algum rendimento para sua sobrevivência e já têm mesmo alguns contactos com empresas privadas (produtores de plásticos, intermediários de recicláveis) onde vendem as suas colectas.

Relativamente ao valor e significados atribuídos ao lixo pelos catadores compreendeu-se que está matéria, muitas vezes é vista como resto sem valor pela sociedade dominante, torna-se, no contexto de Hulene, um recurso vital capaz de sustentar famílias, financiar percursos migratórios, permitir autonomia económica e, simultaneamente, produzir sentidos de dignidade.

O lixo transforma-se, na perspectiva dos catadores, numa “matéria viva”: pode gerar renda, relações sociais, aprendizagens e até disputar moralidades. Assim, a prática de catar lixo não é meramente um expediente económico; ela se torna uma forma de trabalho socialmente situada, carregada de significações, experiências e discursos que reconfiguram o que significa “trabalhar” nos limites da cidade.

A partir das narrativas recolhidas observa-se que muitos catadores, ao entrarem nesse universo laboral, passam por processos de resinificação de si próprios, lidando com preconceitos, estigmas e rupturas familiares.

Porém, é justamente nesse espaço marginalizado que constroem redes de solidariedade, formas de organização e identidades profissionais específicas. Muitos referem-se a si como “trabalhadores do lixo”, “recicladores”, “sobreviventes” ou “chefes de família”, revelando que a identidade profissional não é estática, mas negociada diariamente entre o reconhecimento interno (dentro do grupo) e o desrespeito externo (por parte da sociedade urbana de Maputo).

Quanto exclusão social, os catadores de lixo da lixeira de Hulene vivenciam uma exclusão multidimensional. Não se trata apenas da falta de renda ou emprego formal, mas de uma exclusão simbólica, territorial, política e moral. A cidade de Maputo, em seu processo de modernização e expansão urbana, produz geografias do abandono: periferias que concentram pobreza, informalidade e ausência de serviços básicos.

A lixeira de Hulene é, por excelência, um desses espaços. Ai se materializa aquilo que Achille Mbembe e outros autores africanos têm apontado como zonas de desvalorização da vida, onde o Estado aparece mais como ausência do que como protecção.

Conclui-se, portanto, que os catadores não são sujeitos passivos diante da marginalização urbana, são actores sociais que reinterpretam o lixo, reorganizam o espaço da lixeira, redefinem fronteiras simbólicas e constroem uma economia informal que desafia a lógica da exclusão total. Seu percurso de vida revela trajectórias marcadas por rupturas, mas também por reinvenções criativas; mostra que, mesmo nos cenários mais adversos, persistem formas de produzir significado valor e identidade.

Finalmente, este estudo reforça a urgência de repensar políticas públicas que, historicamente, visibilizam os catadores. Na perspectiva antropológica qualquer intervenção social, sanitária ou urbana deve partir do reconhecimento dos catadores como trabalhadores, cidadãos e produtores de conhecimento sobre o seu próprio território. Só assim se poderá caminhar para uma inclusão efectiva, para a valorização de seu papel ambiental e para a construção de cidades menos desiguais e mais humanas.

Para a execução do presente trabalho tivemos como dificuldades a falta de disponibilidade por parte do grupo alvo para a colecta de dados, a escassez de literatura local que versa sobre o tema em estudo.

A pergunta de pesquisa deste trabalho foi satisfeita visto que a construção identitária profissional e social dos catadores do Lixo de Hulene encontra-se baseada simultaneamente na marginalização e resistência. Como dificuldades para a realização desta pesquisa destaca-se o factor tempo, visto que logo do início da pesquisa notou-se uma situação não favorável por questões familiares e laborais, mas ao fim conseguiu-se avançar com a presente pesquisa, a

segunda dificuldade sta na quase inexistencia de literatura local que aboeda o tema em estudo com profundidade. Vendo a situação social actual, recomenda-se a extensão do estudo de temas relacionados a este, pois é uma necessidade urgente e emergente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abric, J. C. (2000). *A abordagem estrutural das representações sociais*. Goiânia.
- Bourdieu, P. (1984). *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. Martins Fontes. São Paulo.
- Buarque, C. (1993). *A revolução das prioridades*. Instituto de Estudos Económicos (INESC),
- Calderoni, S. (2003). *Os bilhões perdidos no lixo*. Humanitas. São Paulo.
- Castells, M. (1999). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Paz e Terra. São Paulo.
- Castells, M. (1999). *O poder da identidade*. Paz e Terra. São Paulo.
- Chefo, Augusto. (2003). *Cultura de Pobreza; Vida na Lixeira de Hulene na Cidade de Maputo*. Tese de Licenciatura. Faculdade de Letras e Ciências Sórias. UEM. Maputo.
- Colaço, J Carlos. (2001). *Lixeiros da Cidade de Maputo*. In: Estudos Moçambicanos nº 18. Imprensa universitária. Maputo
- Douglas, M. (1974). *Pureza e Perigo*. UFRJ. Rio de Janeiro
- Dubar, C. (2000). *A Socialização: A Construção das Identidades Sociais*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes editora .
- Foucault, M. (1975) *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. 2.ª edição. Editora Vozes editora. Petrópolis.
- Giddens, A. (1991) *Modernidade e identidade*. 1.ª edição. Editora UNESP. São Paulo.
- Goffman, E. (1963) *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade destruída*. Editora Perspectiva. São Paulo..
- Gonçalves, Marcelino A. 2003. *O Trabalho no lixo*. UMSP. São Paulo.
- Governo de Moçambique. (2019). *Estratégia Nacional para a Inclusão Social e Desenvolvimento Sustentável (ENISDS)*. Governo de Moçambique. Maputo.

Juncá, D. Gonçalves. (2000) M. P. Azevedo, V. G. *A mão que obra no lixo*. Niterói: EDUFF.pp121.

Lei do Ambiente nº 20/97. (1997). *Lei de Proteção do Meio Ambiente de Moçambique*. Maputo: Assembleia da República de Moçambique.

Lei nº 21/2014. (2014). *Lei de Gestão de Resíduos Sólidos de Moçambique*. Maputo: Assembleia da República de Moçambique.

Lei nº 23/2007. (2007). *Lei do Trabalho de Moçambique*. Assembleia da República de Moçambique. Maputo.

LVIA (org). (2013). *Catadores de Lixo de Maputo, quem são e como trabalham*. Maputo.

Magera, M. (2003). Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade. Campinas, São Paulo.

Medeiros e Macêdo. (2006). *Catador de material reciclável: Uma Profissão para além da sobrevivência?* Psicologia & Sociedade.

Monteiro CA, editor. (1995). *Velhos e novos males da saúde no Brasil: a evolução do país e de suas doenças*. São Paulo.

Proposta Legislativa. (2023). *Projeto de Lei de Inclusão e Proteção Social para Trabalhadores Vulneráveis*. Assembleia da República de Moçambique. Maputo.

Serra, C. (2003). *Em cima de uma lâmina: Um estudo sobre precaridade social em três cidades de Moçambique*. Imprensa Universitária. Maputo.

Suman, Renata B. (2004). *Catadores de lixo, estereótipos social sobre esta actividade e relação com a escola-estudo de caso*. São Paulo.

UNEP. (2015). *Towards a Resource Efficient and Inclusive Economy in the Waste Sector in Africa*. Nairobi: United Nations Environment Programme (UNEP).

Velho, G. (1988). *O Lugar e o Corpo: Reflexões sobre a Antropologia e a História das Culturas*. Zahar. Rio de Janeiro.

Velloso MP, EM Santos. (1997). *Processo de trabalho e acidentes de trabalho em colectores de lixo domiciliar na Cidade de Rio de Janeiro*. Cadernos de saúde públicas. Rio de Janeiro.

Anexos

Anexo 1. Guião das entrevistas

Entrevista semi-estruturada aos catadores de lixo da Lixeira de Hulene.

Perfil socio-económico do entrevistado

Idade

Sexo

Provincia de origem

Escolaridade

Religião

Estado civil

Quantos filhos

Chefe de família ou não

Fonte de rendimento: somente a lixeira ou outras

Morador das proximidades da lixeira ou não

- 1- Fale-me de si, como começou a trabalhar como catador de lixo?
- 2- A sua estória é igual a dos outros catadores?
- 3- Que significado tem o trabalho para os Catadores de lixo?
- 4- Que significado os Catadores de lixo dão a lixeira de Hulene?
- 5- O que lhe levou a escolher esta actividade e não procurar outra, por exemplo? E esta actividade tem sido rentável para o esforço que tem aplicado?
- 6- Quais são os desafios que os Catadores de lixo têm enfrentado na lixeira de Hulene?

- 7- Como os catadores de lixo se sentem inserido na sociedade? (A construção que a sociedade atribui aos catadores de lixo)
- 8- Os catadores de lixo têm um vínculo com o Município? E os dispositivos que garantem os seus direitos como catadores de lixo?
- 9- Procurar saber da existência da associação dos catadores, e como esta associação tem funcionado para garantir os interesses dos catadores de lixo?
- 10- Qual é o nível do relacionamento que os catadores de lixo tem um com outro?
- 11- Que percepção tem os catadores sobre os riscos que os mesmos correm cada dia na lixeira?